

TEATRO E IMPROVISACÃO NA FILOSOFIA: UMA ENFASE ESTÉTICA E ATIVA NO ENSINO

PEDRO VELASCO MARTINS¹; LORENZO AGUIAR D E MENDONÇA BARROS²;
JOÃO PEDRO VIEIRA CONCEIÇÃO³; NICOLAS ROSLLER CARIVALIS⁴.

EDUARDO FERREIRA DAS NEVES FILHO⁵:

¹Universidade Federal de Pelotas – pedrovelascomartins2077@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – lorenzoamb@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – joaopedrovieiraconceicao@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – n.rosller@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – eduardofnfilho@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

A Docência em Filosofia, enquanto matéria fundamental de formação intelectual presente no atual ensino médio brasileiro, encontra diversas barreiras de expressão entrelaçadas em suas maneiras epistemológicas de alcançar uma clara comunicação, ou seja, carece em uma didática efetiva que cativa e leve os alunos a um maior interesse pelas problemáticas filosóficas apresentadas. A Filosofia, enquanto matéria que se detém na análise de conceitos abstratos, seguindo um rigor lógico, dificulta ainda mais o seu ensino para os alunos que, na grande parte das vezes, vê nisso uma perda de tempo. Sendo assim, é de suma importância, para o exercício da docência, que o professor cativa o interesse dos alunos dinamicamente, para que as competências exigidas realmente se tornem parte deles, ou seja, se tornem conhecimento.

Constantin Stanislavski, como um importante ator e teórico revolucionário das artes cênicas, reforça a importância de uma “atuação não mecânica”. Tratado primordialmente em seus estudos para o “método” de atuação:

“Infelizmente, no mundo o mau gosto é muito mais comum do que o bom gosto. Em vez de nobreza, foi criada uma espécie de ostentação vistosa, boniteza em vez de beleza, efeito teatral em lugar de expressividade” (STANISLAVSKI, 1994, p.54).

Podemos, aqui, fazer uma ligação entre arte e ensino. Na antiguidade, na estética platônica (Fedro, 230b), o belo é encontrado na natureza, de forma natural, através da verdade, adicionada também a paixão. Existe uma compreensão comunicativa potente em uma formação docente, pouco explorada que, como ator, ou seja, um estudioso de circunstância em ação disposto a lidar com adversidades, tanto na sala de aula, quanto na vida ativa filosófica. Podemos interpretar o professor como uma espécie de “ator”. É exigido de ambos uma preparação de si e uma cativação do público/alunos. A prática, o exercício, leva ambos a uma prudência (no sentido aristotélico) que os habitua as possibilidades surpreendentes que tanto o teatro quanto a sala de aula podem apresentar. (Não

que as surpresas possam se esgotar na experiência, mas podem, como no teatro, preparar o professor para a “arte do improviso”).

2. ATIVIDADES REALIZADAS

Este *insight* veio a partir de uma mescla ofertada ao PIBID do curso de Filosofia da UFPel (Universidade Federal de Pelotas), como um experimento corporal, pelo PIBID do curso de Teatro da UFPel (Universidade Federal de Pelotas) disposto com exercícios de aquecimento, corporal/vocal, seguido de práticas e dinâmicas de improviso. Neste momento, tivemos um contato direto com o diferente, o *outro*, com aquilo que transcendia a própria filosofia; e em uma tentativa de síntese entre os ensinamentos provenientes da oficina do Teatro, a maneira de ver o mundo da Filosofia e a prática docente, foi concebida a ideia de um *Professor Ator*, um filósofo que ensina o conceito atuando. Notamos que a desenvoltura e a expressividade do teatro poderia influenciar positivamente na prática docente, e, a partir da perspectiva deleuziana da Filosofia, tentamos conceituar, a partir desta síntese, um novo tipo de didática filosófica.

Tivemos a oportunidade de testar essa nova concepção de didática em uma oficina que o PIBID do curso de Filosofia disponibilizou ao curso de Teatro como resposta ao primeiro. Escolhemos a Lógica como objeto de ensino. Desenvolvemos, a partir de uma encenação do diálogo “O Amor é uma Falácia”, de Max Shulman, alterado para se encaixar tanto no contexto da oficina, ou seja, para adaptar-se tanto ao público do teatro, quanto no período atual da sociedade. Neste momento, pudemos apresentar o que é a “lógica”, citar, entre diálogos extrovertidos e informais, Aristóteles e as três leis lógicas. Para engajar ainda mais o público do teatro, fizemos uma dinâmica, que consistia em sortear entre os alunos ouvintes, que foram divididos em quatro grupos, um conjunto de falácias – as tratadas na apresentação – para que eles desenvolvessem uma pequena peça de teatro sobre a falácia sorteada.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a perspectiva avançada em relação a troca de experiências citadas anteriormente, pouco se conectava o discurso teórico, expressão corporal e forma de conteúdo com as preocupações filosóficas compartilhadas, como a própria lógica formal. Expressando uma barreira artificial relacionada diretamente com interesses distintos em relação a questões como a própria natureza contraditória de um ator em seus papéis. Porém, no momento que a contradição se apresentou, um estudo filosófico em cima do papel de um ator como professor pareceu a questão certa a ser trabalhada como ponto de partida. A verdade cênica permite com que o ator viva a circunstância, lidando assim com naturalidade e atenção ao

palco, tal qual um professor que desconhece seus alunos, ou sua próxima sala de aula.

Este estudo é proposto como uma sugestão de exercícios para uma conexão maior com a intenção prática de lecionar, pensando e reagindo sem preparo prévio caso necessário como um recurso inexplorado, permitindo, de alguma forma o exercício de transcender o belo, seja algo cotidiano para o conteúdo, os docentes e os discentes em questão.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

STANISLAVSKI, Constantin. **A Preparação do Ator**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.

PLATÃO. **Fedro**. São Paulo: Editora 34, 2020.

MENEZES, Luiz. **A NATUREZA DA ALMA NO FEDRO DE PLATÃO**. Revista do Seminário dos Alunos do PPGLM/UFRJ: n.2, 2011. Disponível em: <https://seminarioppglm.wordpress.com/revista-do-seminario-dos-alunos-do-ppglm>. Acesso em: 05 ago. 2025.

SHULMAN, M. et al.: **As calcinhas cor-de-rosas do Capitão**. Porto Alegre: Ed. Globo, 1973.